Globethics Repository



Um olhar infantil sobre o diferente [A child look at different]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

Item Type	Article
Authors	Santos, João Vitor
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-11-02 01:57:13
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/157975

Um olhar infantil sobre o diferente

Diana Corso observa como as crianças apreendem a ideia de diferente, em uma perspectiva que não exclui e que busca um crescimento emocional e cultural para absorver a "variabilidade de modos de ser, viver e pensar"

Por João Vitor Santos

"Quando nos associamos para brincar ou criar, as diferenças entre nós são úteis, interessantes, diversificam o que estamos fazendo. Já quando somos passivos, como os alunos de uma escola tradicional, ou só ficamos brincando sozinhos e observando os outros, tornamo-nos competitivos e não suportamos as diferenças". A elaboração é da psicanalista Diana Lichtenstein Corso acerca da relação tolerância/intolerância sobre o diferente, o que não é igual a mim. Ela observa essa relação a partir das experiências infantis. "As crianças não notam diferenças de forma estereotipada, elas observam o que a cultura as treina para ver", aponta. Assim, a ideia do diferente para os pequenos é algo muito volátil em meio ao seu mundo de descobertas e transformações. "As diferenças que estereotipamos em nossa sociedade, de gênero, cor da pele, status social, são variáveis mínimas em relação a essa polissemia da infância", explica Diana, ao lembrar que as crianças se atêm tanto a essas diferenças quanto às de tamanho, de altura, por exemplo.

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, a psicanalista analisa como a criança pode ser tomada como uma terra sem formas, portanto aceitando qualquer moldura para ver o outro. Para Diana, muito mais interessante é oferecer para crianças o acesso a um crescimento emocional através do contato com os diferentes. Isso permitirá que ela desenvolva um verdadeiro olhar sobre o outro para além dos preconceitos forjados nos estereótipos e convenções sociais.

Diana Lichtenstein Corso é psicanalista membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre – APPOA. Formada em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, é colunista do jornal Zero Hora e da Revista Vida Simples. Publicou o livro *Fadas no Divã: psicanálise nas histórias infantis* (Porto Alegre: Artmed, 2009) e *Psicanálise na Terra do Nunca: ensaios sobre a fantasia* (Porto Alegre: Artmed, 2011), escritos em parceria com seu marido Mário Corso, finalistas do Prêmio Jabuti. Recentemente, em 2014, publicou *Tomo conta do mundo: confiçções de uma psicanalista* (Porto Alegre: Arquipélago, 2014), composto de crônicas e ensaios, vencedor dos prêmios de Livro do Ano e Crônica de 2015 da Associação Gaúcha de Escritores – AGES e do prêmio Açorianos na categoria Crônica de 2015.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Em que medida a intolerância é inerente ao ser humano e em que medida surge na relação com o meio em que se vive?

Diana Lichtenstein Corso – Vamos situar o aparecimento da agressividade entre os bebês, aqueles um pouco maiorzinhos, que conseguem brincar perto uns dos outros. Veja bem, não estou me referindo a crianças que brincam juntas, mas apenas por perto, reparando no que o outro faz e por vezes trocando, oferecendo e disputando objetos. São criaturinhas ainda em fase de construção da sua capacidade de representação simbólica, já conseguem "papar" [alimentar-se] e dormir de brincadeira, esconder-se do olhar do outro e reaparecer com júbilo, por exemplo, mas não bolar em conjunto com outra criança uma trama para partilhar, criar uma fantasia em conjunto, contracenar com personagens, ou mesmo seguir

> ***Crianças, como povos, quanto mais acesso tiverem a um crescimento emocional e cultural, menos simplórios serão seus raciocínios***

regras grupais de uma brincadeira. Estamos falando, então, de rudimentos de sociabilidade.

Nesse contexto, surgem as maiores disputas, por brinquedos, pela atenção dos adultos, por entrar em certo lugar. Onde o outro está, o que a outra criança estiver fazendo, torna-se objeto de cobiça. Quanto menores, mais as crianças funcionam em espelho, pois ainda estão definindo seus próprios contornos, como se houvesse um só lugar, aquele que acabam de descobrir observando o outro e ali querem estar.

Bom, conto essa história de bebês porque a agressividade, a intolerância em nossa sociedade tem justamente a ver com a solidez da imagem que cada um tem de si. Por exemplo, se alguém vale somente por ter um smartphone, por ter um carro, uma roupa com etiqueta tal, não vai suportar que todo mundo possa ter. É preciso dividir o mundo entre os que, para usar o código das crianças pequenas, estão no balanço e os outros que ficam olhando de fora. É diferente quando numa sociedade consegue-se trocas mais simbólicas, que passem pela palavra, por um olhar capaz de perceber a beleza ou de despertar a curiosidade de forma mais complexa do que códigos rudimentares de ter ou não ter um número restrito de objetos que vão dizer quem é alguém – está no balanço – e quem não – ficará olhando.

Essa possibilidade de associar-se para criar, que é a brincadeira infantil propriamente dita, está no coração de tudo o que fazemos de criativo, desde a arte propriamente dita, até uma equipe científica ou que desempenha determinada tarefa prática conjuntamente de modo eficiente e colaborativo. Quando nos associamos para brincar ou criar, as diferenças entre nós são úteis, interessantes, diversificam o que estamos fazendo. Já quando somos passivos, como os alunos de uma escola tradicional, ou só ficamos brincando sozinhos e observando os outros, tornamo-nos competitivos e não suportamos as diferenças, pois precisamos do outro como espelho e contraponto.

IHU On-Line – Como o sentimento de intolerância aparece na infância? Como é elaborado pelos pequenos e como perceber a necessidade de intervenção? De que forma as crianças veem o diferente? O quanto podem ter essa perspectiva alterada pela ação dos adultos que a cercam?

Diana Lichtenstein Corso – As crianças não notam diferenças de forma estereotipada, elas observam o que a cultura as treina para ver. Até é interessante ressaltar que a infância é muito variada em termos de formatos, tamanhos e capacidades. O ritmo de crescimento é muito, muito variado. Há crianças de três a dez anos de todo tipo de tamanho, há os que têm complexão física mais encorpada e os quebradiços, os que crescem como pipoca estourando e os que demoram muito, passam a infância inteira estilo mignon, os atléticos, os capazes de concentrar-se, os líderes, os tímidos, eles são variados entre si e também em relação a si próprios. É comum o amiguinho voltar das férias todo diferente, cresceu ou mudou de jeito.

Nesse sentido, as diferenças que estereotipamos em nossa sociedade, de gênero, cor da pele, status social, são variáveis mínimas em relação a essa polissemia da infância. Se não for instruída para isso, uma criança não observará a cor da pele do amigo, mas sim sua altura, seu jeito de falar ou de calar, enfim, ela escolherá os critérios do que é mais importante para ela. Ater-se aos nossos padrões de preconceito adulto é para as crianças um treinamento recebido dos adultos.

Associações e exclusões: sofrimentos normais

Situações radicais de exclusão e bullying na infância ocorrerão principalmente se elas se organizarem em grupos passivos, com padrões restritos e pouco colaborativos. Aí vale a lógica dos pequenos, dos que têm poucos recursos simbólicos. Por outro lado, entre as crianças temos alguns dramas de associação: as panelinhas, os grupos de três, organizados para deixar um de fora, os clichês que organizam uma turma de colégio entre populares, nerds, gays, e tantas outras categorias. Esses são recursos de trocas amorosas, em geral do homoerotismo básico que aparece muito forte na pré-puberdade, quando as questões de quem vale o que para ser desejado ou admirado pelos outros tornam-se muito importantes.

São sofrimentos normais, que, se o "sucesso social" não for uma obsessão para a família, serão encarados com mais leveza e até um certo humor pelas crianças. Porém, se a criança estiver inserida em um contexto em que o prestígio no grupo e a capacidade de liderança, que tomam como prova do potencial para o exercício do poder, forem um grande valor, acima dos de solidariedade, tolerância e companheirismo, esses jogos grupais serão fonte de grandes dramas e péssimos para a construção de uma identidade mais definida. A criança tenderá a diluir-se na massa, obedecendo às regras mais

rudimentares de comportamento e formas de ser, estabelecidas por um senso comum que nunca deixa de ser pobre de espírito.

IHU On-Line – Há um limite entre a intolerância e a violência? Quando a intolerância se perfaz em força e violência, essencialmente na infância?

Diana Lichtenstein Corso – A intolerância será tanto mais forte e, portanto, violenta, quanto mais restritas forem as possibilidades de criar, cooperar e dialogar. Quanto maior a pobreza de espírito de um grupo social, tanto menores seus recursos simbólicos, portanto, vai ter que utilizar-se de uma gramática binária para se descrever: eu, bom, não eu, ruim.

IHU On-Line – Qual o papel das fábulas e dos clássicos infantis no desenvolvimento das crianças? Em que medida essas histórias solidificam convenções sociais e fecham perspectivas e em que medida abrem um horizonte para o novo e aceitação para o diferente?

Diana Lichtenstein Corso – As histórias que a infância de cada época adota para si não cria o modo de ser das crianças, é esse modo que edita a ficção de cada época. Por isso, em nossos livros escritos sobre o assunto, com o Mário Corso[1], tomamos as histórias como reveladoras de um modo de ser, de estar no mundo, dos gêneros se definirem, das famílias se organizarem, dos valores, enfim do tecido social que nos organiza.

Os contos ditos tradicionais, ou seja, que vêm acompanhando várias gerações, guardam apenas um núcleo da trama idêntico uma geração após outra. Alguns, como é o caso da Rapunzel após Enrolados[2], da Bela Adormecida após Malévola[3], da Branca de Neve após Branca de Neve e o Caçador[4], ou mesmo João e Maria caçadores de bruxas[5], estão tão recheadas de novas referências de gênero que estão se tornando muito diversos de suas versões mais consagradas no passado. Mas, se formos olhar, essas mesmas versões que tomamos como clássicos já são radicalmente modificadas das suas fontes da tradição oral, que por sua vez passaram por várias modificações antes de chegar às crianças, como as versões picarescas ou cheias de maneirismos voltadas ao público adulto impressas, recompiladas e recontadas por vários autores. A ficção, quanto mais atrás pudermos encontrar alguns traços de constância em determinada história, mais ela irá contando das nossas transformações históricas.

Histórias são verdadeiros documentos de história social, reveladoras da subjetividade dos habitantes de cada tempo e lugar e do que eles partilhavam de comum naquelas coordenadas específicas. Essas questões da multiplicidade de identidades possíveis, principalmente no que diz respeito a gênero, onde masculinidade e feminilidade, antes drasticamente diferenciadas agora se embaralham, assim como da diluição das hierarquias familiares, que tendem à horizontalidade, estão fortemente representadas na ficção infantil. O cinema é o modo de expressão artística que mais rapidamente absorve e difunde essas novidades, ele visa grandes públicos, então tenta traduzir-lhe os desejos. Não podemos dizer que ele cria uma tendência cultural, ele é criado por ela e, por sua vez, ajuda a consolidá-la.

IHU On-Line – Hoje, é comum perceber que crianças não têm mais medo e aceitam criaturas como bruxas, lobos e monstros não como manifestações do mal. Ao mesmo tempo, veem-se princesas, príncipes, reis e rainhas não mais como figuras tão cândidas e bondosas. Como observa esses movimentos? Quais as questões de fundo que suscitam?

Diana Lichtenstein Corso – O medo é importante na infância, ele ajuda a delimitar os lugares e as pessoas seguras: se meu quarto não é a floresta, o papai não é o lobo mau e a mamãe não é a bruxa, portanto, posso dormir em paz. Só que para que haja todas essas exclusões, a floresta, o lobo e a bruxa têm que estar rondando do lado de fora, para garantir o aconchego do interior.

Além disso, como todos temos dentro de nós fantasias que são

1 **Mário Corso**: é psicanalista, formado em psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Corso foi entrevistado da secção IHU Repórter da revista **IHU On-Line** 333, de 14-06-2010, disponível em http://bit.ly/2alvnD5. Ele também concedeu outras entrevistas à **IHU On-Line**, entre elas *Geração Y e as novas formas de lidar com o saber*, publicada na edição 361, de 16-05-2011, disponível em http://bit.ly/2aYf256; e *O flerte dos adolescentes e jovens com a morte*, publicada na edição 312, de 26-10-2009, disponível em http://bit.ly/2axr5DX. (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Tangled** (*Enrolados*, no título brasileiro): é um longa-metragem de animação produzido pela Walt Disney Animation Studios. O filme é a 50ª animação do estúdio, e é baseado no conto de fadas alemão *Rapunzel*, dos Irmãos Grimm. Estreou nos cinemas e em cinemas 3D americanos em 24 de novembro de 2010. É um dos filmes de animação mais caro da história, com um orçamento de 260 milhões de dólares. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Maleficent** (*Malévola*, no título brasileiro): é um filme de aventura e fantasia de 2014, dirigido por Robert Stromberg e produzido pela Walt Disney Pictures, com roteiro de Linda Woolverton. Estrelado por Angelina Jolie como a personagem vilã da Disney de mesmo nome, o filme é uma releitura, espécie de re-imaginado, do clássico da Walt Disney Pictures, *A Bela Adormecida* de 1959. A ideia é recontar a história a partir da perspectiva da antagonista, Malévola. (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Snow White and the Huntsman** (no Brasil, *Branca de Neve e o Caçador*): é um filme de fantasia e ação estadunidense de 2012 dirigido por Rupert Sanders e escrito por Evan Daugherty, Martin Solibakke, John Lee Hancock, e Hossein Amini. É uma releitura do conto de fadas alemão "Branca de Neve", compilado pelos Irmãos Grimm. Estrelado por Charlize Theron, Kristen Stewart, Chris Hemsworth, Sam Claflin, e Bob Hoskins (em seu último papel antes de se aposentar da atuação). O filme é o primeiro longa-metragem de uma planejada trilogia. (Nota da **IHU On-Line**)

5 **Hansel and Gretel: Witch Hunters** (no Brasil: *João e Maria: Caçadores de Bruxas*): é um filme de ação e fantasia, misturando terror durante o longa-metragem, lançado em 25 de janeiro de 2013 nos Estados Unidos. Entre os dias 26 e 27 de janeiro o filme arrecadou cerca de 8,5 milhões de Reais. Baseado no clássico conto de fadas dos Irmãos Grimm *Hänsel und Gretel* (*João e Maria* na versão brasileira), o filme é dirigido por Tommy Wirkola e estrelado por Jeremy Renner e Gemma Arterton. (Nota da **IHU On-Line**)

representadas pela maldade e pelos perigos desses cenários e personagens aterrorizantes, deixá-los de fora, mas de certa forma acessíveis, garante que nossas coisas ruins e pensamentos assustadores fiquem depositados neles. Outrora, outros temores, de um mundo mais mágico, pelas crendices e pela religião rivalizavam com a ficção. Hoje, isso empalideceu e por isso, embora as crianças e adolescentes não "acreditem" na veracidade dessas histórias, eles morrem de medo igual, ou seja, mantêm esse hábito de outorgar seus medos e fantasias a personagens que os encarnem e ajudem a dar conta deles.

A arte dá conta dos nossos conteúdos mais difíceis de elaborar, e isso vale igual para o que é oferecido às crianças, pela literatura, televisão, quadrinhos, cinema, teatro, games. Nesse sentido, como dizia antes, agora as personagens não são tão estereotipadas: gêneros, padrões de beleza e comportamento, vêm se modificando. Depois do Shrek[6], de Valente[7], Frozen[8] e tantas recriações dos contos de fadas, temos claro que as crianças maiorzinhas não querem ser tratadas como bobas com personagens simplórios. Ainda gostam de um final feliz, mas adoram as nuances, como a transformação da princesa do Shrek em ogra, o oposto da tradição.

Já os bem pequenos ainda precisam lidar com menos variáveis, por isso gostam de personagens um pouco mais planas, mas apreciam que elas tenham seus perrengues e suas inquietudes. Crianças, como povos, quanto mais acesso tiverem a um crescimento emocional e cultural, menos simplórios serão seus raciocínios e, portanto, melhor poderão absorver nossa maravilhosa variabilidade de modos de ser, viver e pensar. ■

6 **Shrek:** filme estadunidense de 2001 de animação computadorizada dos gêneros fantasia e comédia produzido pela PDI/DreamWorks, lançado pela DreamWorks Pictures e dirigido por Andrew Adamson e Vicky Jenson. É livremente inspirado pelo livro *Shrek!*, escrito por William Steig e lançado em 1990, e de alguma forma também serve como uma paródia, alvejando outros filmes baseados em fantasias infantis, grande parte da Disney. Na trama, um ogro se apaixonada por uma princesa que, mais tarde, se revela vítima de uma maldição que a transforma também em ogro. Ambos têm de lutar contra a ganância de um príncipe e sua mãe, uma fada madrinha. (Nota da **IHU On-Line**)

7 **Brave** (no Brasil, *Valente*): é um filme estadunidense de 2012 dirigido por Mark Andrews e Brenda Chapman e produzido pela Pixar Animation Studios. Conta com roteiro de Brenda Chapman, e é caracterizado por ser a primeira animação da Pixar protagonizada por uma mulher, Merida. Na trama, uma jovem princesa medieval quer lutar como os procolos da corte e se tornar uma guerreira, tendo sua própria mãe como principal opositora desse desejo. (Nota da **IHU On-Line**)

8 **Frozen** (*Frozen – Uma Aventura Congelante*, com título no Brasil): filme de animação musical estadunidense, produzido pela Walt Disney Animation Studios e distribuído pela Walt Disney Pictures. Inspirado pelo conto de fadas *A Rainha da Neve*, de Hans Christian Andersen, narra as desventuras das irmãs reais de Arendelle. A mais jovem, princesa Anna, parte em uma jornada com um homem da montanha, sua leal rena de estimação e um boneco de neve que sonha em experimentar o verão, para encontrar sua irmã a Rainha Elsa, cujos poderes congelantes transformaram o reino onde vive em um inverno eterno. (Nota da **IHU On-Line**)

IHU NOTÍCIAS

Acompanhe notícias, artigos e entrevistas veiculadas na mídia do Brasil e do mundo, em uma seleção preparada pela equipe do **Instituto Humanitas Unisinos – IHU.**

ihu.unisinos.br/noticias